

O Templo de Jerusalém

Para um cristão, a Cidade Santa reúne as recordações mais preciosas da passagem do Nosso Salvador pela terra, porque Jesus morreu e ressuscitou dos mortos em Jerusalém. Foi também o cenário da sua pregação e milagres, e o lugar onde nasceu a Igreja.

27/07/2018

Completado o tempo da purificação da Mãe, segundo a Lei de Moisés, é

preciso ir com o Menino a Jerusalém para apresentá-Lo ao Senhor[1].

Para um cristão, a Cidade Santa reúne as recordações mais preciosas da passagem do Nosso Salvador pela terra, porque Jesus morreu e ressuscitou dos mortos em Jerusalém. Foi também o cenário da sua pregação e milagres, e das horas intensas que precederam a sua Paixão, em que instituiu a loucura de Amor da Eucaristia. Nesse mesmo lugar – no Cenáculo – nasceu a Igreja que, reunida à volta de Maria, recebeu o Espírito Santo no dia de Pentecostes.

História da Cidade Santa

Mas o protagonismo de Jerusalém na história da salvação já tinha começado muito antes, com o reinado de Davi, entre os anos 1010 e 970 antes de Cristo. Devido à sua situação topográfica, a cidade tinha permanecido durante séculos como

um enclave do povo jebuseu, inexpugnável para os israelitas na sua conquista da terra prometida. Ocupava o cimo de uma série de colinas dispostas como degraus em ordem ascendente: na parte sul da zona mais elevada – ainda hoje conhecida pelos nomes de Ophel ou Cidade de Davi –, encontrava-se a fortaleza jebuseia; na parte norte, o monte Mória, que a tradição judaica identificava como o lugar do sacrifício de Isaac[2].

O maciço, com uma altura média de 760 metros acima do nível do mar, estava rodeado por duas torrentes profundas: o Cédron no lado oriental – que separa a cidade do monte das Oliveiras –, e o Hinom ou Geena a oeste e a sul. Os dois juntavam-se com um terceiro, o Tiropeon, que atravessava as colinas de norte a sul.

Quando Davi tomou Jerusalém, estabeleceu-se na fortaleza e realizou

diversas construções[3], constituindo-a capital do reino. Além disso, com a vinda da Arca da Aliança, que era o sinal da presença de Deus no meio do seu povo[4], e a decisão de edificar em honra do Senhor um templo para sua morada[5], converteu-a no centro religioso de Israel. Segundo as fontes bíblicas, o seu filho Salomão começou as obras do Templo no quarto ano do seu reinado, e consagrou-o no décimo primeiro[6], ou seja, pelo ano 960 A.C. Embora não seja possível chegar às evidências arqueológicas – devido à dificuldade de realizar escavações nessa zona –, a sua edificação e o seu esplendor estão detalhadamente descritos na Sagrada Escritura[7].

Lugar de encontro com Deus

O Templo era o lugar do encontro com Deus através da oração e, principalmente, dos sacrifícios; era o

símbolo da proteção divina sobre o seu povo, da presença do Senhor sempre disposto a escutar as petições e a socorrer aqueles que O invocavam na necessidade. Assim fica revelado nas palavras que Deus dirigiu a Salomão:

“Ouvi tua oração e escolhi este lugar como casa para receber os sacrifícios (...). Meus olhos estarão abertos e os ouvidos atentos à oração feita neste lugar. Pois agora escolhi e santifiquei esta casa dedicada a meu nome para sempre. Meus olhos e meu coração estarão nela todo o tempo. E tu, se andares na minha presença assim como andou teu pai Davi, se agires de acordo com minhas ordens e observares minhas leis e decretos, firmarei teu trono real como prometi a teu pai Davi, dizendo: ‘Nunca ficarás privado de um descendente para ser príncipe sobre Israel’. Mas se me virardes as costas e deixardes de lado as leis e decretos que vos dei,

se seguirdes deuses alheios servindo-lhes e adorando-os, então vos exterminarei deste chão que vos dei. E esta casa, que consagrei a meu nome, a lançarei para longe de minha vista, de modo que será objeto de comentário e zombaria entre todos os povos. Cada um que passar diante desta casa, que foi tão elevada, ficará pasmado e dirá: ‘Por que o Senhor fez tal coisa com esta terra e esta casa?’ **[8]**.

A história dos séculos seguintes mostra até que ponto se cumpriram estas palavras. Após a morte de Salomão, o reino foi dividido em dois: o de Israel a norte, com a capital em Samaria, que foi conquistado pelos assírios no ano 722 A.C.; e o de Judá a sul, com a capital em Jerusalém, que foi submetido à vassalagem por Nabucodonosor em 597. Por fim, o seu exército arrasou a cidade, incluindo o Templo, no ano 587, e

deportou a maior parte da população para a Babilônia.

Antes desta destruição de Jerusalém, não faltaram profetas enviados por Deus que denunciavam o culto formalista e a idolatria, e incitavam a uma profunda conversão interior; também depois recordaram que Deus tinha condicionado a sua presença no Templo à fidelidade à Aliança, e exortaram a manter a esperança numa reconstrução definitiva. Deste modo, foi crescendo a convicção inspirada por Deus de que a salvação chegaria pela fidelidade de um servo do Senhor que obedientemente tomaria sobre si os pecados do povo.

O segundo templo e a chegada dos romanos

Não tiveram de passar muitos anos para que os israelitas sentissem novamente a proteção do Senhor: no ano 539 A.C., Ciro, rei da Pérsia,

conquistou a Babilônia e deu-lhes liberdade para regressarem a Jerusalém. No mesmo lugar onde tinha estado o primeiro Templo, foi edificado o segundo, mais modesto, que foi dedicado no ano 515 A.C. A falta de independência política durante quase dois séculos não impediu o desenvolvimento de uma intensa vida religiosa. Esta relativa tranquilidade continuou após a invasão de Alexandre Magno em 332 A.C., e também durante o governo dos seus sucessores egípcios, a dinastia ptolemaica.

A situação mudou no ano 200 A.C., com a conquista de Jerusalém por parte dos Selêucidas, outra dinastia de origem macedônia que se tinha estabelecido na Síria. As suas tentativas de impor a helenização aos povos judeus, que culminaram com a profanação do Templo em 175, provocaram um levantamento. O triunfo da revolta dos Macabeus não

só permitiu restaurar o culto do Templo em 167, como também proporcionou que os seus descendentes, os Asmoneus, reinassem na Judeia.

No ano 63 A.C., a Palestina caiu nas mãos do general romano Pompeu, dando início a uma nova época. Herodes, o Grande, fez-se nomear rei por Roma, que lhe adjudicou um exército. No ano 37 A.C., após ter garantido o poder por meios não isentos de brutalidade, conquistou Jerusalém e começou a embelezá-la com novas construções: a mais ambiciosa de todas foi o restauro e ampliação do Templo, que levou a cabo a partir do ano 20 A.C.

O itinerário da Sagrada Família até ao Templo

Santa Maria e São José teriam peregrinado a Jerusalém na sua infância, e portanto já conheceriam o Templo ***quando se completaram os***

dias da purificação, foram com Jesus ***para apresentá-lo ao Senhor***[9]. Eram necessárias várias horas para percorrer, a pé ou de burro, os dez quilômetros que separam Belém da Cidade Santa. Talvez estivessem impacientes por cumprir uma prescrição de cujo verdadeiro alcance poucos suspeitavam: “a Apresentação de Jesus no Templo mostra-O como o Primogênito que pertence ao Senhor”[10]. Com a finalidade de recordar a libertação do Egito, a Lei de Moisés ordenava a consagração a Deus do primeiro filho varão[11]; os pais deviam resgatá-lo mediante uma oferenda, que consistia numa quantidade de prata equivalente ao salário de vinte dias. A Lei também determinava a purificação legal das mães depois de terem dado à luz[12]; Maria Imaculada, sempre virgem, quis submeter-se com naturalidade a este preceito, embora de fato não estivesse a ele obrigada.

O caminho até Jerusalém segue a ondulação das colinas numa leve descida. Quando já estavam perto, veriam perfilado no horizonte, a partir de alguma curva, o monte do Templo. Herodes tinha feito duplicar a superfície da esplanada construindo muros enormes de contenção – alguns com quatro metros e meio de espessura – e enchendo as ladeiras com terra ou com uma estrutura de arcos subterrâneos. Formou assim uma plataforma quadrangular, cujos lados mediam 485 metros a oeste, 314 a norte, 469 a este e 280 a sul. No centro, rodeado por sua vez por outro recinto, levantava-se o Templo propriamente dito: era um bloco imponente, coberto de pedra branca e placas de ouro, com uma altura de 50 metros.

O caminho de Belém ia ter à porta de Jafa, situada no lado oeste da muralha da cidade. Desde aí, várias

ruelas conduziam quase em linha reta até ao Templo. Os peregrinos costumavam entrar pelo flanco sul. No sopé dos muros havia numerosos vendedores, onde São José e a Virgem podiam comprar a oferenda pela purificação prescrita aos pobres: um par de rolas ou dois pombinhos. Subindo por uma das amplas escadarias e atravessando a chamada Porta Dupla, acedia-se à esplanada através de corredores subterrâneos monumentais.

A passagem desembocava no átrio dos gentios, a parte mais espaçosa daquela superfície gigantesca. Estava dividido em duas zonas: a que ocupava a ampliação dirigida por Herodes, cujo perímetro exterior contava com uns pórticos magníficos; e a que correspondia à superfície da esplanada precedente, cujos muros tinham sido respeitados. Sempre cheio do rumor de multidões, o átrio acolhia indistintamente a todos os

que queriam se reunir naquele lugar, estrangeiros e israelitas, peregrinos e habitantes de Jerusalém. Este bulício misturava-se ainda com o barulho dos trabalhadores, que continuavam a trabalhar em muitas zonas ainda por terminar.

O recinto do Templo: o encontro com Simeão

São José e a Virgem não se detiveram ali. Atravessando o muro que dividia o átrio pelas portas de Hulda, e deixando para trás o soieg – a balaustrada que delimitava a parte proibida aos gentios sob pena de morte – chegaram finalmente ao recinto do templo, ao que se entrava pelo lado oriental. Provavelmente foi então, no átrio das mulheres, que o velho Simeão se aproximou deles. Tinha ido ali ***movido pelo Espírito***^[13], com a certeza de que naquele dia veria o Salvador, e procurava-o no meio da multidão.

*Vultum tuum, Domine, requiram! ,
repetia São Josemaria no final da sua
vida para expressar o seu anseio de
contemplação.*

*Mentiria se negasse que me move
tanto o afã de contemplar a face de
Jesus. Vultum tuum, Domine,
requiram. Procurarei, Senhor, o teu
rosto. Enche-me de ilusão fechar os
olhos e pensar que chegará o
momento, quando Deus quiser, em
que poderei vê-Lo, não ‘como num
espelho, de maneira confusa... mas
face a face’ (1 Cor, 13-12) Sim meus
filhos, meu coração está sedento de
Deus, do Deus vivo: Quando virei e
verei a face de Deus?[14]*

Simeão reconheceu no Menino o
Messias, **tomou-o nos braços e
louvou a Deus, dizendo: “Agora,
Senhor, segundo a tua promessa,
deixas teu servo ir em paz, porque
meus olhos viram a tua salvação,**

que preparaste diante de todos os povos[15].

“Nesta cena evangélica - ensina Bento XVI - revela-se o mistério do Filho da Virgem, o consagrado do Pai, que veio ao mundo para cumprir fielmente a sua vontade (cf. Heb 10, 5-7). Simeão mostra-O (...) e anuncia com palavra profética a sua oferta suprema a Deus e a sua vitória final (cf. Lc 2, 32-35). É o encontro dos dois Testamentos, Antigo e Novo. Jesus entra no antigo templo, Ele que é o novo Templo de Deus: vem visitar o seu povo, obedecendo à Lei e inaugurando os tempos últimos da salvação”[16].

Simeão abençoou os jovens esposos e depois se dirigiu a Nossa Senhora: ***“Este menino será causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição – uma espada traspassará a tua alma! – e assim***

serão revelados os pensamentos de muitos corações”[17].

No ambiente de luz e alegria que rodeia a chegada do Redentor, estas palavras completam o que Deus foi dando a conhecer: recorda que Jesus nasce para oferecer uma oblação perfeita e única, a da Cruz[18].

Quanto a Maria, “o seu papel na história da salvação não termina no mistério da Encarnação, mas completa-se na amorosa e dolorosa participação na morte e na ressurreição do seu Filho. Levando o Filho a Jerusalém, a Virgem Mãe oferece-o a Deus como verdadeiro Cordeiro que tira os pecados do mundo”[19].

A purificação da Virgem Maria

Ainda impressionados pelas palavras de Simeão, a que se seguiu o encontro com a profetisa Ana, São José e a Virgem se dirigiriam para a porta de Nicanor, situada entre o

átrio das mulheres e o dos israelitas. Teriam subido os quinze degraus da escadaria semicircular para se apresentarem perante o sacerdote, que teria recebido as oferendas e abençoado a jovem esposa mediante um rito de aspersão. Com essa cerimônia foi resgatado o Filho e purificada a Mãe.

Estás vendo? - escreveu São Josemaria contemplando a cena - ela, a Imaculada! - submete-se à Lei como se estivesse imunda.

Aprenderás com este exemplo, menino bobo, a cumprir a Santa Lei de Deus, apesar de todos os sacrifícios pessoais?

Purificação! Tu e eu, sim, é que precisamos de purificação! Expição, e, acima da expiação, o Amor. - Um amor que seja cautério, que abraze a imundície da nossa alma, e fogo que incendeie com chamas divinas a miséria do nosso coração[20].

A Igreja condensa os aspectos deste mistério na sua oração litúrgica: “Deus eterno e todo-poderoso, ouvi as nossas súplicas. Assim como o vosso Filho único, revestido da nossa humanidade, foi hoje apresentado no templo, fazei que nos apresentemos diante de vós com os corações purificados”[21].

A destruição do Templo

Jesus Cristo tinha profetizado que do Templo não ficaria **pedra sobre pedra**[22]. Essas palavras cumpriram-se no ano 70, quando o Templo foi incendiado durante o cerco das legiões romanas. Cinquenta anos mais tarde, reprimida a segunda sublevação e expulsos os judeus de Jerusalém sob pena de morte, o imperador Adriano ordenou a construção de uma nova cidade sobre as ruínas da antiga. Chamou-lhe Aelia Capitolina. Sobre as ruínas do Templo, foram

levantados monumentos com as estátuas de Júpiter e do próprio imperador.

No séc. IV, quando Jerusalém se converteu numa cidade cristã, construíram-se numerosas igrejas e basílicas nos Lugares Santos.

Contudo, o monte do Templo ficou abandonado, embora se permitisse aos judeus o acesso num dia por ano para rezar ao pé do muro ocidental, perante o que ainda hoje se conhece como o muro das Lamentações.

A expansão do Islã, que chegou a Jerusalém em 638, seis anos depois da morte de Maomé, mudou tudo. Os primeiros governantes concentraram a sua atenção na esplanada do Templo. Rapidamente se construíram duas mesquitas: no centro, sobre o lugar que outrora poderia ter ocupado o Santo dos Santos, a da Cúpula da Rocha, terminada no ano 691, que ainda conserva a

arquitetura original. Ao sul, onde estava o maior pórtico da época de Herodes, a de Al-Aqsa, que foi acabada em 715, embora tenha sofrido vários restauros importantes ao longo da sua história.

Desde então, excetuando os breves reinados dos cruzados dos séc. XII e XIII, os muçulmanos sempre detiveram direitos sobre o lugar: denominado Haram al-Shafir – o Santuário Nobre -, consideram-no o terceiro lugar mais sagrado do Islã, depois de Meca e Medina.

* * *

Os Atos dos Apóstolos transmitiram-nos numerosos testemunhos sobre o modo como os Doze e os primeiros cristãos iam ao Templo para orar e dar testemunho da ressurreição de Jesus perante o povo[23].

Simultaneamente reuniam-se em casa para a fração do pão[24], quer dizer, para celebrar a Eucaristia:

desde o início, eram conscientes de que “O período do templo passou. Chega um novo culto num templo não construído por homens. Esse templo é o seu Corpo: o Ressuscitado que reúne os povos e os unifica no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue. Ele mesmo é o novo templo da humanidade”[25].

J. Gil

.....

[1] Santo Rosário, 4º mistério gozoso.

[2] cf. *Gen* 22, 2; e 2 *Cro* 3, 1.

[3] cf. 2 *Sam* 5, 6-12.

[4] cf. 2 *Sam* 6, 1-23.

[5] cf. 2 *Sam* 7, 1-7 e também 1 *Cro* 22, 1-19; 28, 1-21; e 29, 1-9.

[6] cf. 1 *Re* 6, 37-38.

[7] cf. 1 *Re* 5, 15 – 6, 36; 7,13 – 8, 13; e 2 *Cro* 2, 1 – 5, 13.

[8] 2 *Cro* 7, 12-21. cf. 1 *Re* 9, 1-9

[9] Lc 2, 22.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 529.

[11] cf. *Ex* 13, 1-2 e 11-16.

[12] cf. *Lev* 12, 2-8.

[13] Lc 2, 27.

[14] São Josemaria, *Notas tomadas numa reunião familiar*, 10-IV-1974.

[15] Lc 2, 28-31.

[16] Bento XVI, Homilia na celebração das Vésperas na Festa da Apresentação do Senhor, 2-II-2011.

[17] Lc 2, 34-35.

[18] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 529.

[19] Bento XVI, Homilia durante a Missa na Festa da Apresentação do Senhor, 2-II-2006.

[20] *Santo Rosário*, 4º Mistério Gozoso

[21] cf. *Missal Romano*, Oração coleta na Festa da Apresentação do Senhor.

[22] cf. Mt 24, 2; Mc 13, 2; Lc 19, 44 e 21, 6.

[23] cf. *Heb* 2, 46; 3, 1; 5, 12.20-25.

[24] cf. *Heb* 2, 42 e 46.

[25] Joseph Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Desde a Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*.

.....